

Paisagens da Memória e do Esquecimento em *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Isadora Paulino dos Santos
Universidade Estadual Paulista (FCT UNESP)
E-mail: isadora.paulino@unesp.br

RESUMO

A obra *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, possibilita, a partir de uma abordagem interdisciplinar, uma investigação da relação que se estabelece entre memória, arquitetura e paisagem (e suas poéticas) no contexto específico da Doença de Alzheimer, considerando sua personagem principal - Eunice Paiva. Assim, tendo como objeto de estudo essa obra, apoiada em referências como Ecléa Bosi, Aziz Ab'Saber, Milton Santos, Pierre Nora, Gaston Bachelard, Arthur Simões Caetano Cabral e Yi-Fu Tuan, a pesquisa busca compreender como espaços familiares e as paisagens descritas no livro podem atuar como âncoras de memória e identidade para indivíduos afetados pela doença. Para isso a metodologia combina interpretação literária, revisão teórica e um trabalho de campo que busca traçar a geografia afetiva de Eunice Paiva, considerando as mudanças e transformações físicas e simbólicas decorrentes da ditadura militar, e os significados dessas paisagens na vida da família Paiva, assim como o impacto posterior do Alzheimer na ressignificação desses espaços. Espera-se que este estudo contribua para gerar uma reflexão sobre a importância das paisagens e lugares com significado afetivo para os idosos com Alzheimer.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem; memória; arquitetura; Alzheimer.

ABSTRACT

The work *Ainda estou aqui* (2015), by Marcelo Rubens Paiva, allows, through an interdisciplinary approach, an investigation of the relationship established between memory, architecture, and landscape (and their poetics) in the specific context of Alzheimer's Disease, considering its main character - Eunice Paiva. Thus, using this work as the object of study, supported by references such as Ecléa Bosi, Aziz Ab'Saber, Milton Santos, Pierre Nora, Gaston Bachelard, Arthur Simões Caetano Cabral, and Yi-Fu Tuan, the research seeks to understand how familiar spaces and the landscapes described in the book can act as anchors of memory and identity for individuals affected by the disease. To this end, the methodology combines literary interpretation, theoretical review, and fieldwork that seeks to trace the affective geography of Eunice Paiva, considering the physical and symbolic changes and transformations resulting from the military dictatorship, and the meanings of these landscapes in the life of the Paiva family, as well as the subsequent impact of Alzheimer's on the re-signification of these spaces. This study is expected to contribute to reflection on the importance of landscapes and places with emotional significance for older adults with Alzheimer's disease.

KEYWORDS: landscape; memory; architecture; Alzheimer's disease.

1 INTRODUÇÃO

A memória não é apenas uma pedra com hieróglifos entalhados, uma história contada. Memória lembra dunas de areia, grãos que se movem, transferem-se de uma parte a outra, ganham formas diferentes, levados pelo vento. Um fato hoje pode ser relido de outra forma amanhã. Memória é viva. Um detalhe de algo vivido pode ser lembrado anos depois, ganhar uma relevância que antes não tinha, e deixar em segundo plano aquilo que era então mais representativo. Pensamos hoje com a ajuda de uma parcela pequena do nosso passado (PAIVA, 2015, p. 100).

Memória, conforme aponta Marcelo Rubens Paiva (2015), é um elemento vivo e mutável, moldado pelas experiências e pela forma como o passado é revisitado. Em sua obra *Ainda estou aqui*, o autor narra a trajetória de sua mãe, Eunice Paiva, que enfrentou as consequências traumáticas da ditadura militar brasileira e a progressiva perda de memória causada pela Doença de Alzheimer. O contexto familiar é marcado não apenas pela perda progressiva da memória, inerente à doença, mas também pela memória traumática da repressão política e pelo deslocamento geográfico, elementos que se somam para delinear a complexa “geografia afetiva” da personagem.

A obra revela como paisagens e lugares se tornam pilares da identidade, mesmo diante da fragmentação da memória. Por isso, a escolha do livro como objeto de estudo reside na possibilidade de articular os conceitos de memória, arquitetura e paisagem a partir de uma narrativa real e comovente.

Sendo assim, o problema central que norteia este estudo reside em como os espaços familiares e as paisagens recorrentes, descritos na obra, permanecem ou deixam de ser âncoras de memória e identidade para um indivíduo cuja cognição está em declínio. A familiaridade e a poética do lugar (BACHELARD, 1993) podem se estabelecer como suportes capazes de evocar lembranças e afetos, constituindo-se em ferramentas cruciais no manejo e bem-estar de pessoas com Doença de Alzheimer.

O objetivo geral deste artigo é, portanto, analisar as relações de paisagem e arquitetura - enquanto elementos de suporte à memória e identidade de indivíduos com Alzheimer - aplicadas à história de vida da personagem Eunice Paiva, conforme representado na obra.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base teórica desta pesquisa se estrutura em três eixos principais, essenciais para a compreensão da intersecção entre memória, paisagem e arquitetura no contexto do Alzheimer.



2.1 A Paisagem como Registro Histórico e Afetivo

A paisagem, sob a ótica geográfica, é entendida como resultado visível na interação entre o natural e o cultural, mas que, para Milton Santos (2006), é também constituída de técnica, tempo, razão e emoção. Ela é um cenário vivo, dinâmico e carregado de história, que Aziz Ab' Saber (2004) define como um sistema de relações que envolve percepção, tempo e sentimento.

A passagem do “Espaço” (abstrato e geométrico) ao “Lugar” (concreto e vivido) é fundamental. Segundo Yi-Fu Tuan (1983), o lugar é o espaço dotado de valor, significado e, sobretudo, afeto. É a experiência cotidiana e a apropriação sentimental que transformam a neutralidade do espaço em um Lugar de Memória (NORA, 1984), atuando como âncoras simbólicas que conectam o passado ao presente e garantem a continuidade identitária.

2.2 Memória e Identidade: A Geografia Afetiva

Ecléa Bosi (1994) define a memória como um pilar da identidade, um trabalho constante de reconstrução que se nutre das relações sociais e, inevitavelmente, dos espaços onde as vivências se desenrolaram. A “geografia afetiva” pode ser entendida como a rede de lugares significativos que um indivíduo estabelece ao longo da vida, e que sustentam sua história pessoal.

No caso de Eunice Paiva, a memória não é apenas individual, mas intrinsecamente ligada à memória coletiva. A ditadura impôs deslocamentos e a perda do marido (o grande trauma familiar), fatores que ressignificam os lugares de morada e convívio, tornando-os duplamente carregados: pela história política e pela afetividade familiar.

2.3 A Poética do Espaço e o Alzheimer

Gaston Bachelard (1993), em *A Poética do Espaço*, explora como a casa e os espaços íntimos se tornam o centro do ser, carregados de valores oníricos e afetivos. O lar não é apenas um abrigo, mas um corpo de lembranças, onde a familiaridade arquitetônica atua como um mapa interno.

No contexto do Alzheimer, onde a memória se fragmenta, a “Memória de Lugar” (reconhecimento de ambientes e rotinas) e a “Memória Afetiva” (emoções ligadas a pessoas locais) frequentemente persistem por mais tempo. O ambiente familiar e as paisagens vividas podem ser usados como ferramentas terapêuticas. Ambientes que maximizam a familiaridade e o conforto, como propõe o World Alzheimer Report 2020, auxiliam a manter a autonomia e a sensação de pertencimento, minimizando a desorientação e a angústia (FLEMING; ZEISEL; BENNETT, 2020).

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, buscando a articulação entre Literatura, Arquitetura e Paisagem. A metodologia se estrutura em três etapas principais:

- 
1. Revisão Bibliográfica e Teórica: Estudo aprofundado dos conceitos de paisagem (Santos, Ab'Saber), lugar (Tuan), memória (Bosi, Nora) e a poética do espaço (Bachelard), e o papel do ambiente no cuidado à DA.
 2. Análise Literária e Cartográfica: Leitura e análise da obra *Ainda estou aqui* para identificar as passagens que descrevem, poeticamente ou materialmente, os espaços e paisagens significativos.
 3. Trabalho de Campo: Visitas e registros fotográficos aos locais identificados como cruciais na trajetória de Eunice, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, para vivenciar e registrar a paisagem que serve de suporte às narrativas do livro. A partir disso, será traçado o Mapa da Geografia Afetiva de Eunice Paiva.

A combinação desses métodos permite uma análise rica que correlaciona a materialidade do ambiente (o que é a arquitetura e a paisagem) com sua carga simbólica e mnemônica (o que o lugar representa).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa revelam a complexa teia de relações entre memória, espaço e identidade na trajetória de Eunice Paiva, conforme narrado em *Ainda estou aqui* (2015). A análise aprofundada permitiu identificar como o contexto histórico-familiar e os espaços vividos se entrelaçam, moldando uma geografia afetiva singular.

4.1 Contexto histórico e familiar

A obra *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, transcende o relato autobiográfico para se tornar um documento que entrelaça a história íntima de uma família com os profundos traumas coletivos da história brasileira. O pano de fundo é a Ditadura Militar (1964-1985), um período marcado pela supressão de direitos civis e pela violência de Estado. Conforme Marcos Napolitano (2014) observa, o regime militar no Brasil não se limitou a uma ditadura de quartel, mas constituiu um sistema que buscou reordenar a sociedade por meio do medo e da repressão, impactando de forma indelével as esferas privadas.

Se não fosse o golpe, será que eu me criaria em Brasília? O que seria de nós sem o golpe? O que seria do Brasil? (PAIVA, 2015, p. 78).

A família Paiva foi brutalmente atingida por essa violência em 1971, quando Rubens Paiva, então ex-deputado, foi sequestrado, torturado e assassinado por agentes do Estado. Eunice Paiva, sua esposa, também foi detida e interrogada, mas emergiu para enfrentar décadas de silêncio oficial sobre o paradeiro de seu marido. A narrativa de Marcelo Rubens Paiva resgata esse contexto não apenas como um fato político, mas como uma ruptura espacial e emocional. A mudança forçada do Rio de Janeiro para São Paulo simboliza o deslocamento de uma vida “solar” e aberta para uma existência marcada pela vigilância e pela imperiosa necessidade de reconstrução.

No verão de 1971, a imagem da minha mãe, aliviada de biquíni, com os olhos castanho claros brilhando sob a luz do sol, quarenta e um anos, subindo alegre numa lancha depois



de ficar doze dias presa no DOI-Codi do Rio de Janeiro, sem ter a menor ideia de por que fora presa nem de que o marido estava morto havia muito (PAIVA, 2015, p. 30).

Nesse cenário, Eunice Paiva emerge na obra como um ícone de resistência. Após o desaparecimento de Rubens, ela se reinventou, cursou Direito e tornou-se uma voz ativa na defesa dos direitos indígenas e na incansável busca pela verdade sobre os crimes da ditadura. Sua memória, portanto, foi por décadas uma ferramenta de luta política. Contudo, a ironia trágica da narrativa reside no fato de que essa mulher, que dedicou sua vida a impedir que o Brasil esquecesse seu passado, encerra seus dias confrontando o esquecimento biológico imposto pelo Alzheimer.

4. 2 Os espaços narrados

A estrutura narrativa da obra não segue uma sequência linear de eventos ou deslocamentos geográficos contínuos. O livro tem início no presente do adoecimento de Eunice Paiva, já idosa e convivendo com o Alzheimer, e a partir desse ponto, constrói um movimento constante de retornos ao passado, acionados pela memória do autor. Os lugares mencionados ao longo da obra surgem, assim, como fragmentos narrativos intrinsecamente ligados a afetos, experiências e traumas, configurando uma geografia da memória que se reorganiza conforme o fluxo das lembranças.

São Paulo, o ponto de partida da narrativa, é o espaço onde Eunice vivencia a velhice e o avanço da doença. A metrópole se apresenta como o cenário da desorientação espacial, da fragmentação da memória e da progressiva perda de referências, mas também como o território do cuidado cotidiano e da persistente tentativa de preservação da identidade. É também o local de sua infância, onde cresceu, conheceu Rubens Paiva e, após o assassinato dele, retornou com os filhos para reconstruir sua vida e consolidar sua carreira como advogada.

A partir desse presente marcado pelo esquecimento, a narrativa retrocede às memórias familiares, especialmente à infância e juventude do autor. Esses retornos não se submetem a uma cronologia rígida, mas se organizam segundo a lógica afetiva da lembrança. Nesse movimento, emergem espaços associados à formação dos vínculos familiares e às experiências fundantes da identidade, como a fazenda do avô em Eldorado Paulista e a cidade de Santos.

A fazenda em Eldorado Paulista é evocada como um espaço de ancestralidade e permanência, profundamente conectado à figura do avô e às vivências da infância. Caracteriza-se como uma paisagem rural marcada pela relação direta com a terra, pela repetição dos gestos cotidianos e por uma temporalidade distinta da vida urbana.

Santos, por sua vez, surge na narrativa como um espaço associado às vivências familiares e à rotina, evocando uma paisagem litorânea impregnada de afetividade e convivência. Diferentemente da fazenda, Santos representa um ambiente urbano, mas ainda permeado por relações íntimas e sensíveis. A cidade se configura como um espaço de transição, onde a memória se constrói a partir da relação do corpo com o território, do cotidiano doméstico e dos laços familiares, funcionando como um lugar de acolhimento dentro da narrativa memorialística.



O Rio de Janeiro ocupa uma posição central na obra, configurando-se como o principal palco da vida adulta da família Paiva. É nesse espaço que se concentram tanto as lembranças afetivas quanto as cicatrizes mais profundas da ruptura política imposta pela ditadura militar. A cidade aparece associada ao cotidiano familiar, mas também ao desaparecimento de Rubens Paiva, um episódio que atravessa de forma definitiva a memória da família. O Rio de Janeiro pode ser compreendido como um espaço onde a memória individual e a memória coletiva se sobrepõem, concentrando significados históricos, políticos e emocionais que transcendem a experiência pessoal.

Brasília se apresenta na narrativa de forma distinta dos demais lugares. Não se trata de um espaço plenamente vivido, mas de um lugar potencial, projetado a partir do contexto político. Marcelo Rubens Paiva menciona, no início da obra, que em 1964 seu pai era deputado federal e possuía um apartamento na capital, e que a família poderia ter se mudado para lá — uma possibilidade que, para o autor, não era desejada. O agravamento do cenário político e a instauração da ditadura transformam essa possibilidade em ruptura, culminando na fuga de Rubens Paiva de Brasília. Além disso, a narrativa destaca Eunice acompanhando os acontecimentos políticos pela televisão, preocupada com o marido, o que reforça a presença de Brasília como um espaço mediado, vivenciado à distância, mais pela angústia e pela expectativa do que pela experiência cotidiana. Nesse sentido, Brasília se configura como um lugar simbólico e político, associado à projeção de uma vida que não se concretizou, exemplificando como a história coletiva interfere diretamente nas trajetórias familiares.

Ao longo do livro, esses lugares não são apresentados como etapas sucessivas de uma trajetória espacial contínua, mas como fragmentos acionados pela memória, reorganizados conforme o fluxo narrativo. Mesmo os espaços que não foram objeto de trabalho de campo — como Eldorado Paulista, Santos e Brasília — assumem um papel fundamental na construção da geografia afetiva de Eunice Paiva, pois a análise se concentra na forma como esses lugares são lembrados, narrados e significados.

No contexto da Doença de Alzheimer, essa fragmentação espacial adquire ainda maior relevância, pois evidencia que a memória não depende exclusivamente da presença física no espaço, mas da carga simbólica e afetiva que ele carrega. Conforme Ecléa Bosi (1994) destaca, a memória opera também à distância, reorganizando os lugares a partir da lembrança e da emoção. Assim, *Ainda estou aqui* (2015) constrói uma geografia da memória marcada por permanências, rupturas e possibilidades interrompidas.

4. 3 O Fórum João Mendes

Um dos achados mais notáveis da pesquisa foi a identificação do Fórum João Mendes (Figura 1), em São Paulo, como um poderoso lugar de memória para Eunice Paiva. Como advogada que se reinventou após o trauma da ditadura, o ambiente jurídico representava para ela um espaço de competência, autoridade e luta. Durante a análise da obra e as visitas de campo, observou-se que a arquitetura institucional do Fórum — com sua escala monumental, a sobriedade dos materiais e a organização espacial rígida — atua como um estímulo que resgata a identidade profissional de Eunice.

Estávamos no Fórum João Mendes, na 5ª Vara da Família, porque ela estava velha. Essa era a grande ironia. Especialista em interditar pais dos amigos, tida como advogada de confiança, estava para ser interdita às 14h35. Tinha setenta e sete anos. Nem tão velha

assim. Interditou dramaticamente velhos conhecidos. Sabia, passo a passo, como fazê-lo (PAIVA, 2015, p. 19).

Mesmo diante da falha da memória recente, algo permanece inscrito no corpo e na relação com o espaço. O Fórum não é meramente um edifício; é um palco onde Eunice desempenhou um papel central na sociedade, e que, ironicamente, mais tarde a viu ser interditada por seus filhos devido ao estágio avançado do Alzheimer. Este local exemplifica como a arquitetura pode evocar memórias de cunho público e profissional, mesmo quando as memórias pessoais mais recentes se esvaem.

Figura 1: Fórum João Mendes



Fonte: Acervo da autora, 2025.

4. 4 A Geografia Afetiva de Eunice Paiva

A elaboração do Mapa da Geografia Afetiva (Figura 2) permitiu uma visualização clara da rede de lugares que sustentam a memória de Eunice, revelando uma polaridade marcante entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

Figura 2: Mapa da Geografia Afetiva de Eunice Paiva



Fonte: Acervo da autora, 2025.

- **O Rio de Janeiro como Memória Solar:** As descrições da Avenida Delfim Moreira e das praias cariocas são permeadas por adjetivos que remetem à luz, ao calor e à liberdade. O trabalho de campo no Rio de Janeiro corroborou a importância da relação com o horizonte e o mar como elementos de desconpressão e prazer sensorial, associados a um período de felicidade e plenitude familiar.
- **São Paulo como Memória de Resistência:** Os espaços paulistanos são descritos com um enfoque maior na funcionalidade, no trabalho e na reconstrução familiar. A casa em São Paulo, localizada no Jardim Paulista, é retratada como um refúgio, um espaço de proteção contra o ambiente externo hostil da ditadura, onde Eunice forjou sua carreira e criou seus filhos. Este local simboliza a resiliência e a capacidade de reinvenção.

Cada local mapeado não é meramente um ponto geográfico, mas um nó complexo de relações humanas e significados que persistem através do tempo. O Alzheimer, embora fragmente essa geografia, não a oblitera por completo; os lugares de maior carga afetiva permanecem como ilhas de reconhecimento em um oceano de esquecimento. A análise espacial, complementada pelos registros fotográficos, permitiu visualizar a permanência material desses locais, que, mesmo transformados, ainda carregam a potência de evocar memórias emocionais.

4. 5 Arquitetura e Paisagem como ferramentas terapêuticas no cuidado ao Alzheimer

Os resultados desta pesquisa apontam para um papel ativo da arquitetura e da paisagem no cuidado de pessoas com Alzheimer, contrastando com a esterilidade de muitos ambientes de saúde contemporâneos, que frequentemente priorizam a higiene e a eficiência técnica em detrimento de uma abordagem mais humanizada do espaço. A obra



Ainda estou aqui (2015) ilustra como o contato com objetos familiares, a presença de luz natural e a possibilidade de habitar espaços com história pessoal são elementos fundamentais para o bem-estar dos indivíduos afetados pela doença.

A discussão converge para a necessidade de uma “arquitetura da memória”, que integre os princípios da poética do espaço de Bachelard (1993). Essa abordagem implica:

1. **Preservação de marcos de identidade:** Manter elementos do ambiente que remetam à história de vida do indivíduo, como fotografias, móveis ou objetos pessoais, que podem atuar como gatilhos para a memória afetiva.
2. **Estímulo sensorial controlado:** Utilizar a paisagem (jardins, vistas para a natureza, iluminação natural) como um meio de orientação temporal e espacial, proporcionando um senso de continuidade e familiaridade.
3. **Criação de espaços de narrativa:** Desenvolver ambientes que favoreçam a recordação e o compartilhamento de histórias, combatendo o isolamento social e promovendo a interação. Isso pode incluir a criação de murais de memória ou espaços para atividades que estimulem a reminiscência.

A trajetória de Eunice Paiva demonstra que o ambiente construído é um parceiro silencioso e poderoso no processo de envelhecimento. Quando a arquitetura falha em oferecer esses suportes, o indivíduo fica à mercê do esquecimento. Contudo, quando concebida como um suporte sensível, a arquitetura pode permitir que a pessoa, mesmo com Alzheimer, mantenha um senso de si e de seu lugar no mundo, ecoando a afirmação: “ainda estou aqui”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa oferece uma contribuição significativa para o campo da Arquitetura e Urbanismo, ao sublinhar a importância da dimensão afetiva e simbólica do espaço, particularmente em projetos voltados ao envelhecimento e ao cuidado de indivíduos com Doença de Alzheimer. Ambientes arquitetônicos e paisagísticos que estabelecem um diálogo com a memória afetiva podem catalisar a autonomia, o bem-estar emocional e a dignidade de pessoas afetadas pela doença. Essas reflexões apontam para a urgência de conceber projetos sensíveis à experiência vivida, que considerem não apenas os aspectos funcionais, mas também a permanência, a familiaridade e o vínculo emocional com o lugar.

A investigação das “Paisagens da Memória e do Esquecimento” na obra de Marcelo Rubens Paiva permitiu concluir que a relação entre o indivíduo e o espaço constitui um dos pilares fundamentais para a manutenção da identidade. Por meio do diálogo com Ecléa Bosi (1994), Pierre Nora (1984) e Gaston Bachelard (2002), foi possível apreender que a memória se ancora em lugares dotados de significado afetivo, os quais funcionam como mediadores entre o passado e o presente. O trabalho de campo, ao proporcionar a experiência sensível dos espaços narrados, reforçou essa interpretação, evidenciando a relevância da materialidade, da escala e da ambiência na construção da memória.

A trajetória da família Paiva ilustra, ademais, como traumas históricos (a ditadura) e biológicos (o Alzheimer) se inscrevem na paisagem, forjando uma geografia marcada tanto pela resistência política quanto pela necessidade de cuidado. Nesse sentido, a pesquisa enriquece o campo da Arquitetura e Urbanismo ao reafirmar a imperatividade de projetos que considerem não apenas os atributos funcionais, mas também a dimensão afetiva,



simbólica e memorial dos espaços, especialmente aqueles destinados ao envelhecimento e ao cuidado.

Em suma, este trabalho reitera que o papel do arquiteto e urbanista transcende a mera concepção de formas; trata-se de edificar e preservar suportes para a vida e para a memória. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas inspirem uma prática profissional mais humanizada, que reconheça na paisagem e na arquitetura instrumentos essenciais de cuidado, dignidade e resistência contra o esquecimento.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof.^a Dr^a Solange Moura Lima de Aragão pela oportunidade e pelo acompanhamento acadêmico e a Unesp, pelo incentivo a pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/21581-6.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993. E-book. Disponível em: <https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/08/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>. Acesso em 21 mar. 2025.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FLEMING, R.; ZEISEL, J; BENNETT, K. **World Alzheimer Report 2020: Design, Dignity, Dementia: Dementia-related design and the built environment Volume 1**. Londres, Inglaterra: Alzheimer's Disease International, 2020. 248p. Disponível em: <https://www.alzint.org/resource/world-alzheimer-report-2020/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NORA, P. **Les Lieux de memoire**. Paris: Gallimard, 1984.

PAIVA, M. R. **Ainda estou aqui**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015. E-book Kindle.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Trad. Lúcia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. Disponível em: <https://fundacc.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf>. Acesso em 26 mar. 2025.